CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
OLHARES DA ESLOVÉNIA - A CINEMATECA COM OS OLHARES DO MEDITERRÂNEO - WOMEN'S FILM FESTIVAL
23 de novembro de 2026

MOJA VESNA / 2022
(*"Moja & Vesna"*)

Um filme de Sara Kern

Realização, Argumento: Sara Kern / *Direção de Fotografia*: Lev Predan Kowarski / *Montagem*: Hayley Miro Browne, Haim Tabakman / *Produção*: Rok Bicek, Shtarlene George, Gal Greenspan / *Coprodução*: Katy Roberts / *Produção Executiva*: Mark Woods / *Supervisão de Produção*: Antje Kulpe / *Direção de Produção*: Ira Cecic, Rachel Forbes / *Casting*: Fiona Dann, Zak Hamer / *Design de Produção*: Maddison Haywood / *Direção Artística*: Elena Lyons-Dawson / *Guarda-roupa*: Ellen Stanistreet / *Design de Som*: Jylij Zornik / *Interpretações*: Loti Kovačič (Moja), Mackenzie Mazur (Vesna), Gregor Baković (Miloš), Flora Feldman (Danger), Isaac Heim (Recém Nascido), Claudia Karvan (Miranda), Rosanna Sciulli (Enfermeira), Fiona Stewart (Peta Starr), James Lea (Homem Adormecido) / *Cópia*: DCP, a cores, falado em esloveno e em inglês com legendagem eletrónica em português / *Duração*: 80 minutos / *Estreia Mundial*: 13 de fevereiro de 2022, Berlin International Film Festival / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira passagem na Cinemateca.*

***

O tema da infância e do luto perpassa a obra da realizadora Sara Kern, nascida na Eslovénia e radicada na Austrália. Antes de se mudar para a Austrália, Kern trabalhou como argumentista para uma produtora televisiva eslovena de conteúdos de televisão dirigidos ao público mais jovem. O seu percurso no cinema apresenta uma clara marca internacional, tendo os seus filmes passado em Veneza, em Toronto, em Chicago e, decisivamente, em 2022, no Festival de Berlim com esta sua primeira longa-metragem, que é também a primeira produção a juntar os dois países: Austrália e Eslovénia. A dita marca global está igualmente presente no pequeno *melting pot* em foco no filme: uma família eslovena a viver na Austrália, constituída por um pai e duas filhas, os três enfrentando, cada um à sua maneira, o luto pelo desaparecimento da mãe.

Entre os elementos da família, Kern escolhe a filha mais nova, Moja, de dez anos, como a protagonista maior da ação. "Percebi que há qualquer coisa em trabalhar com crianças de que gosto particularmente. O processo é ligeiramente diferente, na forma como trabalhamos em conjunto com cada uma delas para encontrar estas personagens, mas sim, foi uma evolução natural para mim escrever uma longa-metragem contada do ponto de vista de uma criança", explicou em entrevista concedida ao *website The Curb*, em 18 de abril de 2022. Loti Kovačič interpreta esta criança que se vê obrigada a tomar as rédeas de uma família em destroços: o pai arrasta-se, como um sonâmbulo, enfrentando um dia de cada vez e a irmã, uma adolescente com jeito para a poesia performativa, *vulgo slam poetry*, lida em simultâneo com a morte da mãe e com uma gravidez indesejada. É um quadro depressivo que afeta e isola os membros desta família, a qual, para além do contexto lutuoso, se revela alienada pelo próprio contexto cultural.

Moja é a criança com alma de adulta que tenta dirigir pai e irmã rumo a um futuro qualquer. A interação de Moja com Danger, a "endiabrada" amiga australiana, serve para sublinhar o desfasamento da protagonista em relação a outras crianças da sua idade. Tudo em Danger é

sinónimo de movimento e ação, ao passo que Moja prefere o silêncio e a imobilidade. Talvez a cena que melhor ilustra este contraste, e de certa maneira o modo como Kern quer assinalar o facto de a criança, pese embora a sua "proatividade" bem adulta, também ser afetada pela ausência da mãe, é aquela em que Danger procura, sem grande resultado, ensinar Moja a andar de *skate*. Enquanto não se superar esta perda, em relação à qual se fala pouco, preferindo-se o silêncio e o "deixa andar" do quotidiano, parece que o próprio corpo não responde como devia; parece que a infância de Moja permanecerá em suspenso ou, caso não se supere este difícil quadro familiar, correrá mesmo o risco de se esboroar.

A errância final, com a irmã mais velha a sair de cena como uma personagem de Michelangelo Antonioni, comporta sentimentos contraditórios, nomeadamente a possibilidade, quiçá redentora, de se compensar uma perda com um nascimento. Regressamos à praia com que o filme abre, onde vemos Moja a cobrir de areia o corpo da irmã, uma cena que parece performatizar um enterro e uma despedida. No final, com o pai a carregar o "novo rebento" ao colo e com Moja a fitar a vasta linha do horizonte, ficamos com a sensação de que mesmo num drama desta magnitude há sempre margem para se perspetivar um "além".

Luís Mendonça